

***ONTEM  
AGORA  
NUNCA***  
*poemas  
e perguntas  
sobre tudo  
e nada*



***Carlos Rodrigues Brandão***  
*escreveu*  
***André Brandão***  
*ilustrou*

## *Existo?*

Sou eu quem fala  
ou quem é que me fala  
aqui, por mim?  
Sem saber se o que fui  
não foi e nem houve enfim.

agora eu, um Carlos  
(um soprinho de seis notas)  
empilho mil documentos  
colo dois selos e mais  
um retrato três-por-quatro,  
assino na linha embaixo  
e já não sei se eu era  
ou se ninguém, e assim...



## *Caminho... caminho?*

Eu caminhava um caminho  
que ia ao lado de um rio,  
e quando foi de repente  
virei uma curva, duas...  
e vi que o caminho sumiu,  
porque o rio que havia ao lado  
todo o caminho engoliu.

Parei e olhei três vezes  
e quando vi o que eu via  
vi que o rio se terminava,  
vi que o rio se consumiu.

E em cima do leito seco  
ao lado de onde eu andei  
havia um eu que pensava:  
"havia mesmo um caminho?  
havia ao seu lado um rio?  
Ou será que nada havia?  
O rio que era, era um sonho,  
o caminho nunca houve  
e nem quem andava existiu?"

## *O azul de tudo*

Acordei azul como a azulão  
(passarinho que azula quando voa).  
Molhei as mãos nas águas do sereno  
e o azul azulou em minha mão.

Olhei o céu do começo da manhã  
e o que era grande gostou de ser pequeno  
e o mundo inteiro morou na minha mão  
como brinquedo que a gente brinca a toa.

Foi quando era quase noite e quase dia  
e o que já foi ontem virou hoje  
e o que fora antes foi agora  
e o que era nunca foi então  
e mesmo a chuva virou botão de flor  
o que foi silêncio virou canto  
e azulou de cantiga o que era pranto.



*lembrar, esquecer*

Com lã e linho tinto teço  
o arremedo dos feitos  
que eu não fiz.  
Com agulha fina escrevo  
no tecido de seda um texto,  
um conto ou um canto  
ou uma estória antiga  
e com final feliz?

Sei que eu em me lembro  
e com saudade escrevo  
uma carta minha pra mim mesmo.  
E soletro o que a minha mão  
recorda, fia borda e tece  
e a memória de quem eu fui  
desfaz, apaga e esquece.

## *Na mala e na mochila*

Arranjos do viajar... e de ir pra onde?  
uma sacola de lona cinza  
um relógio sem ponteiros  
um calendário de dois-mil-e-cinco  
duas petecas e três camisetas  
(na segunda escrito o que eu sinto)  
e com o rosto de Carlitos na terceira).  
Uma escova de dentes, um sabonete  
um caderno de espiral para o diário  
dos dias de lembrar e de esquecer  
um lápis azul, uma caneta, um arco-íris  
uma sandália de palha, uma lanterna  
um livro de Drummond, outro de quem?  
um canivete, um lenço verde e branco  
uma capa de revista com um barco a vela  
um mar de água e verde, a praia de uma ilha  
e a espera sem pressa de um alguém.  
E o vento, o vento, o vento, o vento ainda  
e atrás do vento os dias todos por viver.  
Um passaporte sem retrato e assinatura.  
E no lugar do nome, um nome assim:  
“ninguém”.

## *O sonho do outro*

Com quem mesmo é que sonhava  
o homem que eu vi em meu sonho  
quando deitado e dormindo  
dentro do sono eu sonhava?

E eu dormindo sonhava  
um sonho longo e estranho.  
Um sonho sem cara e nome  
de quem sonha adormecido  
dentro de um sono pesado,  
e depois de amanhecido  
após esfregar os olhos  
ainda sonha acordado.

O que foi que aconteceu?  
O que terá sucedido  
no sonho dele e no meu?  
Nunca eu soube o nome dele  
e se era um estranho ou amigo!  
Será que eu caí no sono  
pra sonhar o sonho dele?  
Será que eu sonhei com ele,  
pra ele sonhar comigo?

## *Fazer/criar*

Tudo o que se faz depressa  
é a pressa que se perde  
no que não se cria.

O ato quer sempre acontecer  
antes do gesto.

E o fato esquece que ele é  
somente a foto do feito.



## *Três poemas de amor ao mar*

### *O primeiro*

Amei o mar.  
Foi quando era menino  
e molhava os pés na água  
e era um anjo,  
e voava entre o azul do céu  
e o azul do mar  
carregando uma estrela  
em cada asa.

Gostava de andar  
pelas areia ali onde a onda  
se termina e desenha na praia  
o meu destino.

O mar não era mau nem inimigo,  
e morrer nele era viver em outra casa.  
E agora, longe quando eu me vou  
por caminhos onde há vales e veredas  
e são outras as areias,  
é o mar que eu amei  
quem vai comigo.

## *O segundo*

Venho vindo de um tempo  
quando eu era quase o vento  
e viajava em maio  
de um país a outro  
e entre velas velejava  
o meu espanto.

E hoje, quando há vento  
escuto o que ele fala  
e escuto tanto!  
E vejo que a noite, noite afora  
o tempo, o mar e o vento  
tudo o que há se move  
a todo tempo.  
Tudo menos eu,  
ah! menos eu... agora.

## *O terceiro*

Houve um dia no mar, era janeiro  
e era sábado no mar azul do Rio  
(a terra onde faz tempo eu nasci).  
O sol se escondia entre as montanhas  
e era tarde mas era o dia ainda.  
Em um lugar azul de nuvens brancas  
havia nas favelas lá do céu  
uma festa de gaivotas viajantes  
como aves marinhas da aventura  
de voarem de tão longe até aqui.

As pessoas da tarde festejavam  
estar ali numa hora como aquela  
e ser alguém entre tudo quanto havia.  
E sentadas no chão elas comiam  
porções de pão de queijo com farofa  
e mais pedaços de mangas em fatias,  
batatas fritas, sanduíches de salame  
numa tarde como aquela, aquele dia.

E elas eram felizes como os pássaros  
que voavam e pelo vento iam e iam,  
porque era sábado e era azul a tarde  
E a cor do céu, da cor do azul do mar  
saltimbancava de férias e magias.  
Tropelias que os adultos festejavam  
enquanto as aves voando repetiam  
canções de sonho, de antes ou de circo  
e os meninos com pequenas pás de plástico  
nos seus baldes de três cores recolhiam.

### *Vida é o que eu vivi?*

Do acaso inesperado  
surge a espera  
de que coisa alguma  
aconteça agora.

Nada existe dentro  
e não há nada fora  
e *nenhum verão vem*  
depois da primavera.

Meu coração nem sente  
e nem decora  
o abecedário do Carlos  
que eu ontem fui.  
Ele sonha o que eu não sei,  
e eu sonho vida afora  
com um lago que eu sou  
e hoje é um rio... e flui.

Vida é o que vivi?  
E noes fora... nada?  
E é dela que eu lembro  
quando acordo e esqueço?  
E é na noite escura  
a hora em que amanheço?  
E a casa em que moro  
é o começo do início  
do princípio do começo  
de uma outra estrada?



## *Momento*

Não fora de argila essa manhã  
no forno que acende o sol do sul,  
e nem cantasse na mata um urutau  
e este riacho estreito e arrependido  
de haver deixado o alto de seus montes  
onde sussurra tudo o que é tristonho  
e essa música a musicar os teus ouvidos  
Uma canção de amor e esquecimento.  
Essa canção que poderia ser de anjos  
E vem da terra e do que toda a terra canta,  
e é de água e de vento, pedra e sonho.



### *O silêncio sábio*

A tudo a natureza  
inunda de aves calmas,  
vagarosas no voo  
como os velhos  
ou os moinhos esquecidos.  
Sábias no que calam  
como às vezes  
calam os velhos  
e as crianças.

### *oferenda de despedida a quem me leu até aqui*

Hoje eu te trago  
amigo, amiga  
um sol de dores  
um rol de flores  
e as cantigas  
que o povo canta  
quando em janeiro  
a um deus menino.

Refrões e frases  
te trago hoje  
de um ramallete  
que vida afora  
levo comigo  
quando o sol conta  
qual o caminho.

Trago nos bolsos  
os inventários  
das melodias  
que a vida pinta  
que a vida fia:  
uma de noite  
outra de dia.

Mas também trago  
amiga, amigo,  
flores da mata  
lá do sertão,  
cheiros de malva  
e madressilva.  
trago um alqueire  
de terra preta  
da terra viva  
do coração.



Nas mãos, no canto  
amigo, amiga  
do mês de maio  
trago a alegria  
de tanto amor  
e esse poema  
que canta e conta:  
o que foi feito  
o que foi dito  
no dia a dia  
do que foi ontem  
do que foi nunca.



Amiga, amigo  
nunca esquecidos  
eu conto ainda  
o que foi nunca  
e por isso é eterno,  
o que foi dor

e por isso é terno,  
e a esperança  
entrelaçada, entretecida  
com o que foi nosso  
e por isso é sempre,  
com o que foi triste  
e por isso é vida,  
amigo, amiga.

### *Quem escreveu se despede de quem leu*

Não mereço o que eu mereço  
e não leio o que eu escrevo.  
Com palmo e meio me meço  
e sobra do palmo, o meio.  
O que eu sei de mim, esqueço.

Me escrevo no quadro a giz.  
Se eu vivi, foi por acaso?  
Se fui feliz, foi um triz.  
Me apago do quadro negro  
e sem saber o que faço  
no não-saber me embaraço  
e não sei se sou ou não  
aquele que se imagina  
(sonho? verdade ou delírio?)  
ser *Carlos Rodrigues Brandão*

